

HISTÓRIA DE VIDA COMO METODOLOGIA DE PESQUISA: O RELATO DE VIDA DE UM MENINO DE RUA DA PRAÇA DA REPÚBLICA EM BELÉM DO PARÁ

Wáldir Ferreira de ABREU
Professor da Universidade Federal do Pará

Resumo: *O artigo aborda a história de vida como metodologia de pesquisa, procura mostrar que esta metodologia tem como finalidade relatar a vida, não somente de pessoas ilustres mas também do homem comum, sem se preocupar com a autenticidade dos fatos. Faz o relato da história de vida de um menino de rua da Praça da República, em Belém do Pará, e finaliza tecendo algumas considerações a respeito do relato de vida feito pelo menino.*

Introdução

Um homem completo possui a força do pensamento, a força da vontade e a força do coração. A força do pensamento é a luz do conhecimento; a força da vontade é a energia do caráter; a força do coração é o amor.

(Ludwig Feuerbach)

O presente artigo é a sintetização de um trabalho monográfico apresentado na conclusão do Curso de Especialização em Serviço Social na Gestão das Políticas Sociais, cursado por mim no Centro Sócio-Econômico da Universidade Federal do Pará - UFPA em 1998.

Rebuscando os materiais produzidos durante o curso e durante minha experiência profissional como Educador de Rua na República de Emaús, FUNPAPA, Movimento Nacional de Meninos e Meninos de Rua (Belém) e Terre des Hommes (Fortaleza), deparei-me com

produções riquíssimas e achei por bem publicá-las neste momento em que se volta a discutir a problemática dos meninos e meninas de rua em Belém, e no momento em que na academia fala-se muito em memória, relato de experiências, história de vida e história oral.

O artigo quer chamar atenção e fazer refletir sobre as políticas públicas de atendimentos a meninos e meninas de rua em Belém, quer desmistificar um discurso de que os meninos e meninas de rua são marginais, mas, principalmente, fazer um breve relato da história de vida de um menino de rua que vive (viveu) na Praça da República há aproximadamente 5 anos. Enfim, saber o que ele pensa sobre a escola, sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, quando começou a ir para a rua e quais suas perspectivas de futuro.

Conceituando história de vida

História de vida – é uma dessas noções do senso comum que entraram de contrabando no universo científico

(Bordieu)

A história de vida é uma dessas técnicas usadas na pesquisa pelas ciências humanas. No campo das ciências sociais, o método da história de vida tem-se destacado como uma das modalidades mais adequadas para fazer-se ouvir o discurso dos despossuídos.

É bom ressaltar que o relato de vida consiste na história de uma vida ou acontecimento tal qual a pessoa vivencia ou vivenciou. Assim, não é necessária a verificação da autenticidade absoluta dos fatos, pois o que interessa – como no caso da presente pesquisa – é o ponto de vista do sujeito. O objetivo desse tipo de estudo é justamente aprender e compreender a vida conforme ela é relatada e interpretada pelo próprio autor. Por mais objetivo que se tente ser, todo relato é sempre uma construção imaginativa – que pode ser mais ou menos próxima à realidade – da situação vivenciada. Segundo Constantopolou, citado por Glaz (1987), toda história, seja pessoal ou social, é de certa forma “falsificada”, na medida em que é “seletiva”. Em outras palavras, o passado é sempre reconstruído através das exigências do presente. Entretanto, esse aspecto subjetivo e talvez até imaginário dos relatos de vida, ao invés de ser uma restrição metodológica, é, ao contrário, uma de suas características principais.

O método de história de vida tem como consequência tirar o pesquisador do seu pedestal de "dono do saber" e ouvir o que o sujeito tem a dizer sobre si mesmo; o que ele acredita ser importante sobre sua vida (Becker apud Glat, 1989, p. 30) e ainda mais:

Para compreender a conduta de um indivíduo é preciso saber como ele percebe a situação, os obstáculos que ele vê que deve enfrentar, as alternativas que ele vê se abrirem diante de si; não se pode compreender os efeitos de campo de possibilidades, das subitâneas da delinqüência, das normas sociais e de outras explicações de comportamento comumente invocadas, a não ser que os consideremos do ponto de vista do autor (Becker, 1986, p. 106).

É importante deixar claro que o método de história de vida, quando utilizado, não visa analisar as particularidades históricas dos sujeitos pesquisados, mas procura aprender que elementos elas contêm. É possível, segundo Bertaux (1980), transformar a subjetividade inerente ao sujeito em conhecimento científico, pois a história de vida, por mais particular que seja, é sempre relato de práticas sociais: das formas com que o indivíduo se insere e atua no mundo e no grupo do qual ele faz parte:

Uma vida é uma prática que se apropria das relações sociais – as estruturas sociais – as interioriza e as transforma em desestruturação – reestruturação... isso sistema social está inteiro contido em nossos atos... e a história deste sistema está inteira na história de nossa vida individual (Ferrati, apud Glat, 1989, p. 31).

Isso não quer dizer que história de vida seja apenas coletâneas de acontecimentos passados ou presentes ou a memória em geral. é o modo como o indivíduo ou grupo representa aspectos de seu passado que são relevantes para a compreensão de sua situação atual. Para Kohil, (apud Glat, 1981), histórias de vida são auto-imagens estruturadas a partir da perspectiva do presente. Assim sendo, um relato de vida é antes de mais nada uma oportunidade para reflexão: "O sujeito não relata simplesmente sua vida, ele reflete sobre ela enquanto a conta" (Bertaux, 1980, p. 210). O ponto fundamental que diferencia o método de história de vida de outras abordagens clássicas é o respeito que o pesquisador tem pela opinião do sujeito. O pesquisador acredita no sujeito.

Segundo Michel Foucault (1986), não há relação de poder sem construção de um campo de saber, e todo saber desenvolve novas relações de poder. O poder exercido sobre as pessoas marginalizadas – aqui entra o caso dos meninos de rua – é autocrático e paternalista. Os meninos de rua são por definição considerados incapazes de avaliar sua problemática, suas necessidades e expectativas, por isso é raramente dada a eles a oportunidade de se expressarem e lutarem pessoalmente pelos seus direitos. Não é transmitida a eles pelas instituições que dizem atendê-los a ilusão de que são capazes de tomar decisões a respeito de seus destinos e assumirem a responsabilidade por eles. Muito menos lhes ensinam os meios para tal. Portanto, eles continuam calados em seu canto, passivamente recebendo o que lhes é oferecido pelo conjunto das pessoas ou das instituições que os atendem, e que atuam como intermediárias entre eles e o mundo exterior. Cristaliza-se um círculo vicioso, não se dá espaço a eles, continua-se falando por eles e fazendo por eles.

Nosso trabalho tem como finalidade ouvir como o próprio menino sente e vê sua vida, pois assim poderá expressar a sua visão a respeito da rua. O menino do qual iremos relatar a história de vida é Luciano da Silva,¹ que já conhecíamos há anos e voltamos a encontrar na rua.

Vida na rua

A história de vida é utilizada não para estudar a vida dos personagens ilustres, detentores do poder e fazedores da história, mas sim a "biografia dos pobres".

(Ferrazoli)

• Primeiro Contato.

O primeiro contato que mantivemos com o adolescente Luciano da Silva foi quando o mesmo encontrava-se na Praça da República em companhia de vários outros colegas, à noite, cheirando cola de sapateiro e praticando pequenos furtos; eram aproximadamente 21 horas, de uma quarta-feira, em que um grupo de meninos e meninas de rua, sentados no centro da Praça da República, conversava e se drogava. As meninas estavam prontas

¹ O nome aqui citado é fictício para resguardar a identidade do menino de rua.

para seus programas corriqueiros, e os meninos preparados para mais um roubo de correntinha de "ouro" da próxima estudante que passasse por ali. Aproximei-me como quem não quer nada, fui saudando todos com boa noite e sentei. Eles ficaram desconfiados, se entreolharam, me olharam, esconderam a cola de sapateiro que cheiravam, as meninas se disperçaram um pouco e verbalizaram: "sujou". Esse termo é uma gíria usada pelos meninos de rua quando se aproxima alguém indesejado por eles, para expressar seu descontentamento com a aproximação. Mas, como eu já era conhecido pela maioria deles, tudo ficou logo amenizado e passei a me entrosar com eles. Perguntei sobre alguns outros meninos conhecidos que não vi ali, sobre como tinha sido o dia do grupo e o que estavam fazendo naquele momento. O Pedrinho me respondeu imediatamente: "nada, só estamos descansando e jogando conversa fora, pois logo mais iremos para NAZARÉ.² Aqui na praça o movimento está muito fraco".

Os meninos perguntaram sobre o paradeiro de alguns educadores de rua que trabalhavam sob minha supervisão técnica na Praça da República, quando eu ainda fazia parte do Projeto Menino do Canto, da Funpapa-PMB. Perguntaram sobre o Evandro, o Marco Antônio, o Arnaldo e outros educadores que faziam parte do projeto e trabalhavam na praça à noite. Respondi que apenas o Evandro havia saído do projeto e que os outros continuavam lá, só que não faziam mais trabalho de rua, apenas acompanham os meninos e meninas nos abrigos e na bolsa escola. Eles me pediram bolsa escola. Eu disse a eles que não tinha mais nada a ver com a Funpapa e com a Prefeitura Municipal de Belém, agora trabalhava na Universidade como professor. Aproveitaram e pediram para eu pagar um lanche a eles. Comprei três lanches, eles se dividiram e comeram. Achei e continuo achando muito boa a solidariedade entre os meninos de rua, eles têm um pacto em que tudo que conseguem dividem com os que são mais próximos.

Após esse bate-papo com os meninos, falei a eles o meu objetivo de estar ali. Queria entrevistar um deles para um trabalho monográfico da Universidade. Uns ficaram desconfiados, porém três se disponibilizaram a serem entrevistados por mim. Marquei com eles que voltaria no dia seguinte para a entrevista.

² Área no centro de Belém onde concentram-se muitas pessoas devido ficarem localizadas lá a Basílica de Nossa Senhora de Nazaré e a Praça Samaritano.

Na quinta-feira, 28.05.98, voltei na mesma hora do dia anterior, isto é, às 21 horas. Encontrei novamente os meninos no mesmo local, porém com algumas ausências. Comecei a entrevista, isso depois de explicar a eles o que estava pretendendo. Entrevistei os três, dois meninos e uma menina. Depois, com as três entrevistas em mãos, escolhi uma – e não foi fácil a escolha –, que pretendo relatar como história de vida. A entrevista escolhida foi a do Luciano, porque o mesmo foi quem apresentou as características mais evidentes de um menino de rua. Tem cinco anos de rua, deixou a escola, perdeu o vínculo com a família, já esteve no S.O.S. – Criança, no CIAM,² já frequentou a Funpapa, o TIO NAUM (fazenda para recuperação de meninos de rua) e REPÚBLICA DE EMAÚS.

Comecei a entrevista com Luciano, explicando que lhe faria algumas perguntas sobre a vida na rua, a idade, a família, a escola, o Estatuto da Criança e do Adolescente, o uso de drogas, o que ele pensa da vida e o que gostaria de ser quando crescer. As respostas nem sempre foram como pretendíamos, elas foram objetivas demais, porém foram o suficiente para podermos relatar a história de vida deste adolescente e atingirmos nosso objetivo com o trabalho. Ressaltamos que após o relato de história de vida procuramos analisar a experiência de vida de Luciano e a partir dela procuramos compreender por que as crianças e os adolescentes vão para a rua, tentando também identificar o perfil do menino de rua em Belém do Pará.

• Projeto Menino do Canto: o início de tudo.

Conheci Luciano em 1995, quando estava trabalhando com uma equipe no Projeto Menino do Canto, juntamente com outros técnicos da Funpapa. Em uma das supervisões de área realizadas na Praça Batista Campos, para acompanhamento da equipe de educadores, fui informado pelos mesmos que haviam encontrado uma criança de aproximadamente dez a onze anos de idade, reparando carros, em frente à igreja de Santo Antônio de Lisboa. Segundo os educadores, a criança estava mal vestida, suja e relatou a eles que se encontrava com fome. Ao me aproximar de Luciano, o mesmo ficou desconfiado, pois não me conhecia. Preferiu conversar com os educadores em vez de se aproximar de mim, mas pouco a pouco fui me aproximando – o que

² Centro Integrado de Atendimento Masculino – programa de atendimento a adolescente que cometem ato infracional.

Paulo Freire chama “namoro pedagógico” – e aí começamos um bate-papo agradável sobre a sua vida.

Depois deste dia voltei outras vezes à praça para fazer o acompanhamento de Luciano, inclusive realizei visita à sua casa para conversar com seus responsáveis.

A visita à casa de Luciano revelou-me uma situação até então obscura para os profissionais e técnicos da área social, que trabalham com a população empobrecida e que não conhecem a realidade social realmente como ela é, apenas o que supõem achar que seja a partir das leituras nos manuais de assistência social. Na realidade, vi uma situação de miséria absoluta: a casa não existia enquanto residência, era apenas um cômodo de aproximadamente três metros quadrados, onde moravam, na época – outubro de 1995 –, 8 pessoas: Luciano e seus três irmãos, a mãe, a avó, uma tia e seu filho pequeno.

A partir daquela visita comecei a me interessar muito mais pelo caso de Luciano, pois o relato que ouvi de sua mãe reafirmou uma visão minha sobre a exclusão social. As famílias de baixa renda – caso da família do Luciano, miserável – não são prioridade para o poder público, são excluídas no atendimento de suas necessidades básicas, como saúde, educação, moradia e lazer, e na mais básica de todas as necessidades, a alimentação.

Ouvi da mãe de Luciano que o mesmo foi excluído da escola por não apresentar o rendimento escolar desejado para crianças de sua idade. Ele tinha 10 anos e ainda encontrava-se na 1ª série, já a tendo repetido três vezes seguidas. A escola, disse a mãe, chegou à conclusão de que Luciano tinha problemas de aprendizagem por apresentar dificuldade de linguagem,⁴ por isso achou melhor desligá-lo da mesma e não lhe ofereceu outras alternativas. Como Luciano e sua família tinham necessidades materiais para sobreviverem, a mãe aproveitou a sua ociosidade e o mandou para a Praça Batista Campos para reparar carros e ganhar dinheiro para ajudar no sustento da família.

Em 17 de outubro de 1995, quando realizei visita à casa de Luciano, relatei a seguinte situação no livro de ocorrências do Projeto Menino da Canto – Funpapa:

⁴ Depois de várias conversas e testes com Luciano, diagnostiquei que era portador de dislalia, por isso a dificuldade de articulação da linguagem. Esclareço que a dislalia é um problema de linguagem que é possível ser corrigido com exercícios adequados, não significando, se devidamente acompanhado pela escola, um problema de aprendizagem. Esclareço ainda que os testes feitos por mim obedeceram critérios científicos e técnicos, pois minha formação em pedagogia e educação especial permite conhecimentos e técnicas para a realização de tais testes.

A criança apresenta uma situação sócio-econômica muito difícil, apenas a mãe trabalha para manter a família, o pai os abandonou quando Luciano ainda era pequeno, deixando-o sob a responsabilidade da mãe. A sua residência é de madeira e as paredes estão caindo, não tem assoalho, o piso é de barro. Além de Luciano e sua mãe, moram na casa mais seis pessoas. Luciano é um menino calmo, bastante prestativo e muito interessado pelos estudos. Saiu da escola, onde estudava, por apresentar dificuldade na articulação da linguagem e por repetência sucessiva na primeira série, coisa que ele mesmo não consegue entender até hoje, porém tem muita vontade de voltar a estudar. Luciano pediu-nos para matriculá-lo em outra escola.

A situação de Luciano é um caso típico que retrata a situação da maioria dos meninos que se encontram na rua. Essas primeiras impressões ficaram comigo quando conheci Luciano em 1995. Naquela época, ele ainda não havia perdido totalmente o vínculo com a família, era apenas menino trabalhador de rua. Fiquei surpreso ao encontrá-lo novamente, após cinco anos sem estar trabalhando na rua, na Praça da República, se drogando e praticando pequenos furtos.

Para melhor entendermos a atual situação de Luciano, vamos ouvi-lo, vamos deixar que ele nos conte a sua história de vida.

• Identificação

Luciano da Silva Santos

14 anos

Mãe: Lúcia Pereira da Silva

Endereço: Bengui

Pai: não faz referência

Área de permanência: Praça da República

• Entrevista³

P: Como é o seu nome?

E: Luciano da Silva Santos.

³ Entrevistas usando a letra P para indicar pesquisador e a letra E para indicar entrevistado.

P. Quantos anos você tem?

E. 14 (quatorze) anos.

P. Quando você começou a viver na rua?

E. Eu tinha dez anos quando comecei a vim pra rua, mas eu não era menino de rua, apenas reparava carros na Praça Batista Campos (pára de falar e fica pensativo) e o dinheiro que eu ganhava dava pra minha mãe comprar as coisas pra casa. Meu pai foi embora e a minha mãe trabalhava na casa de família e ganhava pouco, por isso eu ia reparar carros pra ganhar dinheiro. Como eu morava no Bengui e tinha que ficar até meia-noite na praça, achei melhor ficar dormindo aqui mesmo, depois conheci outros meninos que me convidaram para ir pra Praça da República, a partir daí fiquei morando na rua.

P. Como é vida na rua?

E. É boa, mas não é muito boa, não. Tem dia que a gente não tem nada pra comer, aí a gente tem de batalhar. A polícia bate muito na gente, as pessoas pensam que a gente não vale nada, só serve pra roubar e cheirar cola. Quando chove a gente se molha todinho, o papelão não dá pra proteger a gente. A gente fica andando pra cima e pra baixo: vai pra Nazaré, pro Ver-o-Peso, Praça da República, pra São Braz. Quando a gente está em turma fica andando até arranjar um local bom. Se não consegue nada pra comer a gente rouba as senhoras ou as meninas que vão pro colégio, aí, consegue dinheiro pra comprar cola e merenda. Tem vez que a gente pede nas casas ou pras pessoas que passam, mas nem sempre a gente consegue alguma coisa.

P. É a tua família, tu tens ido à tua casa?

E. Faz tempo, tio, que eu não vou em casa. Nunca mais vi minha mãe. Quando eu estava no CIAM ela foi me visitar e ficou falando que eu era um "cheira-cola", pediu pra eu sair dessa vida, pra voltar pra casa. Não adianta eu voltar pra casa porque lá não tem comida, meu irmão maior me bate, a mamãe me bate, todo mundo briga comigo. Minha tia fica dizendo: tu não tem jeito, só quer saber de rua. É melhor eu ficar por aqui porque tenho mais liberdade, não tem ninguém pegando no meu pé. Às vezes tenho vontade de ir lá em casa ver o meu irmãozinho e falar com a mamãe.

P Chegaste a estudar alguma vez na tua vida, até que série?

E. Eu estudava em uma escola no Beagui, mas fui expulso pela diretora porque não sabia nada, repeti três anos a primeira série. A minha professora ficava falando assim: deixa de ser burro, Luciano, faz o dever que eu estou mandando, todos os outros meninos já terminaram. Eu ficava com muita raiva e aí não queria ir mais pra aula. Foi assim que passei a ir pra Batista Campos reparar carros.

P Me diz uma coisa, Luciano, tu já ouviste falar no Estatuto da Criança e do Adolescente?

E. Já, tio. Lá na Emmaús os tios ensinam que no Estatuto está nossos direitos. De todos os meninos de rua e dos meninos pobres. Numa reunião a tia de lá, a assistente social e os educadores, passaram um filme pra gente que falava dos direitos da criança. Eles disseram que na lei está os nossos direitos a estudar, a ser atendido pelo médico, de ter casa, comida, roupa, de brincar, de não ser estuprado.

P Tu tens esses direitos?

E. Tenho. O que o senhor acha, tio, eu tenho?

P Não sei, me responde o que achas disso?

E. Deixa eu pensar... (silêncio). Não sei se tenho. Só sei que toda criança devia estudar e brincar assim como os filhos de gente rica.

P Tu usas drogas, Luciano?

E. Só cola e maconha.

P Qual a sensação que tu tens quando usas drogas?

E. A gente fica alucinado, tio, vê tudo girando na frente da gente. Mas a gente usa droga mais pra roubar, ela deixa a gente mais corajoso. A gente usa também quando está muito com fome.

P O que é a vida pra ti, o que tu pensas dela?

E. Eu acho que a vida é viver, eu não penso nada dela. Só sei que é muito ruim viver na rua.

P O que tu gostarias de ser quando crescer?

E. Policial ou jogador de futebol.

P: Por quê?

E: Porque o policial mete porrada nos bandidos, eu ia tirar a minha forra de tudo que apanhei, e jogador ganha muito dinheiro e é famoso.

Algumas conclusões talvez pertinentes

Como percebemos no relato de Luciano, a visão que ele mesmo tem da rua é que ela é um local violento e perigoso. O que nos chama atenção é que não existe em nenhum momento na fala dele um relato positivo sobre a rua. No entanto, ele a prefere à sua casa ou à escola. Por que será? O que tem de atrativo na rua que a família e a escola não estão conseguindo dar às crianças? A rua é lugar de individualização, como lembra Da Matta (1987), cada um está por aí. É justamente este tipo de vivência, de pseudo-liberdade que o menino tem na rua, que o atrai. Ao contrário, a família e a escola tornaram-se uma "prisão", um espaço de não liberdade. Na escola a criança não pode correr, brincar é proibido devido a escola ser o lugar aonde a criança vai para se disciplinar. A escola e a família deixaram de ser o local de educação e passaram a ser vistas como o local de proibição para a criança. Não pode fazer isso nem aquilo, as normas e as regras afastam cada vez mais as crianças das escolas e das famílias. O lugar de educação tornou-se o lugar de repressão. Será que é por isso que muitas crianças têm se evadido da escola e preferido ficar na rua? Será que a família não tem repassado muita responsabilidade para as crianças deixando-as sem espaço para brincar e ser criança? Essas questões surgem a partir do relato de Luciano. Apesar de ele não achar a rua como uma coisa boa, ela é preferida em detrimento da escola e da família.

Observamos com o nosso trabalho que todos os meninos de rua têm uma mesma característica, apresentam os mesmos motivos para terem saído de casa, salvo algumas exceções. São crianças provenientes de famílias de classe baixa, algumas estudaram, outras não, e geralmente estão na rua porque suas famílias não têm como mantê-las em casa.

Assim, o menino de rua é fruto e vítima da marginalidade produzida pela sociedade. Apesar de pensar no futuro, ele não tem um projeto de vida e nem se preocupa com seu crescimento humano, o que vale para ele é viver cada dia como se fosse o único.

Observado bem o meu contato com os meninos, após dois anos sem estar trabalhando na rua e após a entrevista de Luciano e a conversa com os outros meninos, foi possível perceber que não houve muita

mudança no que diz respeito ao atendimento destas crianças e adolescentes por parte das instituições e poder público, que dizem trabalhar com meninos e meninas de rua. A atual situação de Luciano retrata muito bem tal situação. É um adolescente que já está aproximadamente cinco anos na rua, e até agora o que foi feito por parte dessas instituições para que ele saísse realmente da rua?

Quando conheci Luciano, o mesmo não era usuário de drogas, estava na rua apenas por causa do dinheiro para ajudar no sustento da família, trabalhava durante o dia e voltava no final da noite para casa, tinha vontade de estudar, não havia perdido o vínculo com a família e a mãe o aceitava muito bem. O que foi feito por este adolescente? Foram várias as instituições pelas quais passou, ou que passaram na vida dele, sem nenhuma ter dado uma resposta consistente para que ele deixasse a rua e voltasse definitivamente para a sua casa.

Será que, em 1995, quando encontramos Luciano pela primeira vez na rua, se tivéssemos feito algo de concreto ele ainda estaria na rua? Lembro da visita feita a casa e que relatei em estudo de caso para a instituição que a família do mesmo vivia em estado de miséria absoluta, que sua casa era um cômodo de 3x3 m, onde viviam oito pessoas sem a mínima condição de sobrevivência. Naquele momento sugeri que a instituição possibilitasse condições materiais para que a família de Luciano construísse sua casa.

Será que se nós tivéssemos conseguido uma colocação, através dos vários programas da instituição, para Luciano, ele estaria na rua hoje? Com certeza, se avaliarmos nossa atuação, chegaremos à conclusão de que nós falhamos. Somos um pouco culpados pelo Luciano ter chegado até a situação de usuário de drogas e de menino de rua. Isso me leva a concluir que as instituições que trabalham com esses meninos estão falhando gravemente no atendimento de sua clientela.

Outro aspecto importante a ressaltar foi o momento em que me aproximei do grupo de meninos da Praça da República. De imediato eles esconderam a cola que estavam usando, por pensar que eu era estranho. Mas logo em seguida voltaram a usá-la novamente. Fiquei perguntando sobre minha autoridade de educador. Segundo Paulo Freire (1987), o Educador é aquele que entra no mundo dos meninos, mas não se permite ficar lá, ele emerge junto com os meninos (educandos) para um mundo novo. Naquele momento eu não deveria ter aceitado passivamente que eles continuassem a usar cola. Certamente, se tivesse feito isso não estaria

sendo autoritário, mas estaria usando a autoridade de educador. A função do educador é Educar, não ser conivente com atos deseducáveis. O educador é aquele que mostra novos caminhos, e é isso que os meninos de rua estão precisando, novos caminhos para deixarem a rua.

Os meninos de rua não são casos perdidos, percebe-se que ainda resta uma esperança e que eles têm vontade de ter uma vida diferente. É essa vontade muitas vezes foi despertada pelo próprio educador de rua. Eles têm presentes, em suas memórias, os educadores que passam por eles. Isso ficou evidente quando eles perguntaram pelos educadores que eles não vêem há muito tempo, é evidente que essa passagem dos educadores marcou suas vidas. Se fosse diferente, eles jamais perguntariam por onde eles andam. E nós, educadores, estamos sabendo a importância que nós temos nas vidas desses meninos? Será que nós estamos cumprindo o nosso compromisso de sermos as pessoas que irão apresentar alternativas de vida diferente para esses meninos? Eu, por exemplo, perdi uma boa oportunidade de incentivá-los a irem à escola quando os mesmos me perguntaram sobre bolsa-escola, me isentei, poderia ter aproveitado o momento e ter dito a eles que bolsa-escola só é dado às crianças e adolescentes que estão frequentando a escola, e que eles poderiam ganhar a mesma desde que voltassem a frequentar a escola. A partir disso poderia falar a eles da importância que têm os estudos em nossas vidas.

Gostaria de terminar este trabalho deixando algumas orientações para futuros pesquisadores sobre meninos de rua: não é fácil a aproximação, pois existe por parte dos meninos uma rejeição a pessoas que são desconhecidas deles. O trabalho do pesquisador deve respeitar a individualidade do menino, procurar o momento certo para fazer certas indagações. O pesquisador tem que entender o mundo do menino, mas jamais aceitá-lo como a única alternativa de vida para eles. As instituições que trabalham com meninos de rua, gostaria de dizer, devem ter claro seu papel frente aos meninos, pois, se assim não for, eles continuarão apartados das instituições, e elas, em vez de cumprirem seu papel de resgatadoras da dignidade dos meninos, serão apenas mais uma instituição nas vidas deles, sem lhes mostrar novos caminhos. Aos educadores basta apenas cumprirem seu papel: serem educadores dos meninos de rua.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Waldir Ferreira. *Proposta de Organização de Meninos e Meninas de Rua em Belém*. Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, Junho de 1995, mimeo.

ALVES, Alda. Meninos de Rua e Meninos na Rua: estrutura e dinâmica familiar. In: *O trabalho e a Rua - Crianças e Adolescentes no Brasil Urbano anos 80*. São Paulo: UNICEF, 1991.

BETKER, Fernando. *Epistemologia do Professor: o cotidiano da escola*. Petrópolis: Vozes, 1986.

BERTAUX, D. *História de Vida dos paisanos da França*. Palestra proferida na Fundação Getúlio Vargas, outubro de 1987, mimeo.

COSTA, Antonio Carlos Gomes. *O ECA e o Trabalho Infantil*. São Paulo: LTr, 1994.

COSTA, Antonio Carlos Gomes et al. *Brasil criança urgente*. Belo Horizonte: Columbus Cultural, 1993.

COSTA, Antonio Carlos Gomes et al. *De menor a Cidadão*. Brasília: Editora do Senado, 1985.

DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

DIMENSTEIN, Gilberto. *A Guerra dos Meninos: assassinatos de menores no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

FALEIROS, V. P. *O que é Política Social*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1986.

GLAT, Rosana. *Somos todos Iguais*. Rio de Janeiro: Agir, 1988.

GONÇALVEIS, Zuila de Andrade. *Meninos de Rua e Marginalidade Urbana em Belém*. Belém: Salesiana, 1979.

OLIVEIRA, C. F. *Se esta rua fosse minha: um estudo sobre a trajetória e vivência dos meninos de rua no Recife*. Recife: UNICEF, 1989, mimeo

PASSETI, Edson. *O que é melhor*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PAULO FREIRE & EDUCADORES DE RUA: uma abordagem crítica. Projeto Alternativas de Atendimentos Comunitários a Meninos e Meninas de Rua, 1987, mimeo